



18

Nova Série

ISSN 2965-2936

HUMOR, SEXO,
ROCK 'N ROLL &
OUTRAS COISAS
DIVERSAS

ARARAC ALEGRE

Desde 1975



JORGE INACIO



Ziraldo emocionado por cantar parabéns com seus conterrâneos em seu aniversário de 90 anos é uma lembrança emocionante que carregaremos para sempre. Estivemos presentes nesta e em todas as iniciativas da Jararaca Alegre, por nosso amor à cultura e, especialmente, ao símbolo maior da arte caratinguense. Muito obrigado, Ziraldo, por tudo!

Irmão Supermercados

Obrigado Annalzira, Camilinho, Belkiss e Casarão das Artes pela oportunidade!





JARARACA
ALEGRE

Nº18 | NOVA SÉRIE | 2024

Publicação Independente

BBC

BABY, BOCA
E CAMILO

DIRETOR DE FAXINA: GRIPINYM

Editor: Camilo Lucas

Redatores: Felipe Senra, Manoel Boca, Juliana Senra, Ana Karolina Assis, Robert de Andrade, Raul Miranda, Tando Soulei

Programação visual:

Camilo Lucas

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Sylvio Abreu, Laz Muniz, Mário Poeta, Izaú Christopher, Phablo Vieira, Fernanda Cordeiro, Bira Dantas, Leo Dovalho

CAPA: JORGE INÁCIO - Uma obra sensacional inspirada pelo Sgt. Peppers dos Beatles (Ziraldo era fã). Obrigado Jorginho!

ILUSTRAÇÃO DESTA PÁGINA - Trabalho sensível do Lindomar Faustino, a quem também agradecemos a gentileza de nos ceder para publicação.

IMPRESSÃO: BRASIL IMPRESSOS

(33) 98850-9716



Redação: R. Major José Belegard, 41,
Bairro Manoel Ribeiro Sobrino, Caratinga-MG
CEP 35.300-167 | (33) 99191-0021

PATROCINADORES



REALIZAÇÃO



CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.





ABRACO, Ziraldo!

Os «Arteiros» se reúnem para homenagear Ziraldo. O grupo, formado por agentes culturais de Caratinga e seus grupos, representando todas as áreas artísticas, tem forte influência de Ziraldo, aliás, como todo artista caratinguense. A homenagem se intitula «Abraço, Ziraldo!» e é uma forma alegre de mostrar nossa gratidão por tudo o que ele nos legou, mesmo neste momento tão triste de sua partida, que se deu no dia 6 de abril de 2024.

O grupo «Arteiros» é composto pelos curadores:

Camilo Lucas - Produtor cultural, cartunista, editor da revista «Jararaca Alegre». (Artes Visuais)

Nathan Vieira - Músico e produtor cultural. (Música)

Juliana Anselmo - Bailarina, líder da Escola de Dança «Aplauso». (Dança)

Vinícius Faria - Cineclubista, criador do Cineclube Bodega e do projeto «Cinema na Comunidade». (Cinema)

Bia Mussi - Diretora e atriz teatral, líder do Instituto Casa Viva Meraki. (Teatro)

Prof. Eugênio Maria Gomes - Pro-Reitor do UNEC - Centro Universitário de Caratinga. (Literatura)

Ana Paula Faustino - Líder do Movimento «Caratinga Afro» e do Instituto Cultural Q-Arte. (Artes Cênicas).

Prof. Américo Galvão Neto - Presidente do Centro Cultural Casarão das Artes (Mix Cultural)

João Paulo Souza - Integrante do «Coletivo Artécine» (Cinema)

Nossa homenagem segue a seguinte programação:

25 de abril - 19h - Roda de conversa no «Casarão das Artes» envolvendo pessoas que tiveram atividades e parcerias com Ziraldo.

26 de abril - 19h - Cinema na Praça das Palmeiras, exibindo filmes, curtas e documentários sobre Ziraldo.

27 de abril - 14h30 - Concentração na Praça do Menino Maluquinho 15h - Abraço no Menino Maluquinho, seguido de Cortejo das Artes até o Coreto Ronaldinho Calazans.

15h30 - Coreto - Início do mini-festival cultural «Arteiros», com apresentações, manifestações, intervenções e exibição de filmes em homenagem a Ziraldo. No local, acontece também o lançamento desta edição especial da Jararaca Alegre.

Ziraldo foi um ser iluminado, que marcou gerações, tanto com sua arte como seu modo de ver o mundo. É motivo de orgulho para nós, caratinguenses, que recebemos e nos incumbimos de levar adiante seu legado.

Muito obrigado, Ziraldo, por tudo!





UM ABRAÇO DO TAMANHO DO MUNDO

No dia 6 de abril deste ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 2024, faleceu no Rio, em sua cama, o artista Ziraldo Alves Pinto.

Artista no mais amplo sentido da palavra. Seu talento artístico se assemelha ao de Leonardo da Vinci, tirando a parte da engenharia, pois Ziraldo nunca se atreveu a inventar catapultas ou helicópteros. Mas o resto, fez tudo.

Artista da vida, traduziu em desenho a forma como ele a via através do seu prisma de luz e cor.

Ziraldo via a vida como ela deve ter sido inventada por Deus para ser vista. Como uma dádiva, um presente a ser desfrutado a cada instante.

E com esta alegria de viver, ele traduziu as cores da vida para as páginas.

Ziraldo foi um homem de seu tempo. E seu tempo não passou, enquanto ele viveu. Quando ele dizia «no meu tempo era assim», podia estar falando tanto da vida na época de JK e da revista «O Cruzeiro», a mais importante do país e onde ele começou sua projeção nacional. Eram tempos otimistas, em que o progresso prometia trazer uma vida melhor para todos.

Ou «meu tempo» poderia ser, também, o temp da ditadura militar, quando o Brasil ficou com suas vidas sob controle de um poder maior, que dizia o que podia e o que não podia independente de ser direito ou não, especialmente o que se podia ou não ler e



escrever, que foi onde ele foi mais atingido, tendo de refrear sua criatividade e, mesmo assim, sendo censurado e até preso várias vezes. Um amigo meu ligado à família do Ziraldo diz que, «nas internas», se contava o caso de que ele já deixava um kit com escova, sabonete e pasta de dente pronto pra quando o Dops batesse de novo em sua porta. «Peraí que vou pegar minha escova de dente», disse ele ao agente que já tinha virado até seu conhecido.

E seu tempo poderia ser também qualquer outro zeitgeist de qualquer época posterior ou anterior em que ele tenha vivido, uma vez que sabia perfeitamente acompanhar a evolução e fazer parte dela. Ziraldo nunca ficou datado.

Desenhista, seus desenhos eram feitos de sorrisos.

Cartazista, traduzia os filmes e mensagens em imagens lindamente ziraldianas.

Se meteu a fazer até música mas preferiu deixar pros outros. Mas fez as capas dos discos. Especialmente o primeiro disco do Milton Nascimento.

O primeiro filme colorido do Brasil tinha de ter a mão do Ziraldo. Afinal, pra começar a fazer filmes coloridos tinha de chamar o mago das cores. O filme «Rio, Sol e Mar» como o próprio nome diz, é ensolado e otimista como a bossa nova e o ie-iê-iê que o assola. Ziraldo escreveu os diálogos e fez o cartaz.

Observação: Cartaz de filme, nessa época, tinha personalidade, se buscava originalidade, o que diferenciava um do outro, ao contrário de hoje em que as imagens são lindas mas todas são fotos dos atores caracterizados em personagens, com efeitos de photoshop para ficarem brilhantes e chamativos, mas sem o mínimo toque de autor. Os cartazes de Ziraldo eram cartuns originalíssimos e ele cartazeou dezenas de filmes nacionais. Ou livros de filmes, como «Help», dos Beatles, cuja edição brasileira teve capa de Ziraldo.

Cartunista, ele retratou o país em que viveu de forma objetiva e engraçada, dando conta de tudo o que rolava, especialmente depois

que ajudou a criar «O Pasquim». Tanto nele, quanto na «O Cruzeiro», Pif Paf», «Jornal do Brasil» e outros, seu traço característico pulava das páginas e entrava na cabeça das pessoas.

Ainda no cartunismo, criou a «Turma do Pererê», publicada nas páginas de «O Cruzeiro» e, em seguida, transformada na primeira revista em quadrinhos com personagens genuinamente brasileiros.

Para falar de Ziraldo jornalista, voltamos ao «Pasquim», onde ele se juntou a nomes como Jaguar, Tarso de Castro, Henfil, Millôr Fernandes e outros para criar a maior revolução da imprensa brasileira. Em pleno auge da ditadura militar - 1969 - quando o regime recrudescia e decretou o famigerado AI-5, ele e a «patota» - como eles se chamavam - azucrinavam tudo: os militares, os cupinchas dos militares, os artistas, os cariocas, os paulistas, o boom imobiliário, o feminismo, a sociedade, os bêbados, a praia, a «esquerda festiva», a «patrulha ideológica», e em meio a toda esta azucrinagem, com muito bom humor, davam o recado e informavam as pessoas sobre a cena que o país vivia. Com o Pasquim, a imprensa tirou o terno e gravata e a impolagem da voz, vestiu uma bermuda e foi pro Veloso tomar um chopp.

E isto foi em todas as áreas em que atuou, muralista do Canecão, apresentador dos festivais de música, artista plástico, publicitário, até chegar ao escritor consagrado mundialmente com o «Menino Maluquinho», sua criação autobiográfica que prova tudo o que eu disse até aqui sobre ele ser «solar».

Ziraldo nunca perdeu suas raízes. Nunca deixou de ser caratinguense da gema. Tinha um bairrismo insano com nossa cidade, a ponto de comprar briga quando foram asfaltar a praça das palmeiras. Queria que, ao menos ali, ficassem os paralelepípedos pra manter o ar de centro histórico. Foi linchado nas rodas de fofoca da cidade. Ziraldo morava no Rio mas sua casa era Caratinga.

Deus te abençoe, Ziraldo, e que saibamos honrar seu legado!

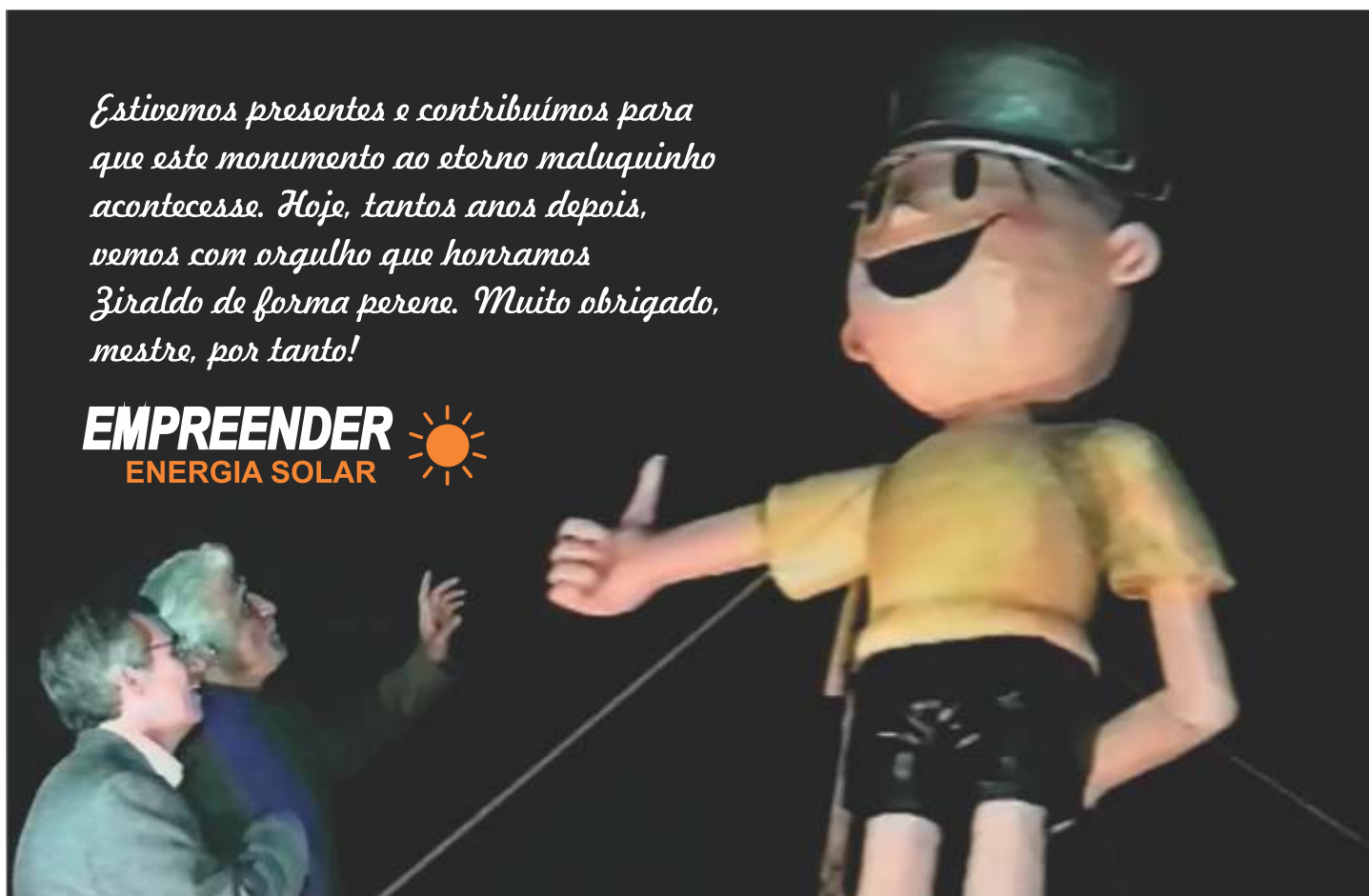


Muito obrigado por tudo, Ziraldo! Guardo com carinho o ratinho com o qual você me presenteou. Obrigado por sua arte, por seu legado, por seu amor a Caratinga!

Geraldo Carvalho

Estivemos presentes e contribuimos para que este monumento ao eterno maluquinho acontecesse. Hoje, tantos anos depois, vemos com orgulho que honramos Ziraldo de forma perene. Muito obrigado, mestre, por tanto!

EMPREENDER
ENERGIA SOLAR



Prefeito Ernani e Ziraldo inauguram o monumento ao Menino Maluquinho, Caratinga, 2013



*Boa viagem, Maluquinho.
Sentiremos saudades!*

BR7



**VALEU,
MALUQUINHO!**
Sempre em nossos corações!

21 de jun. de 2023 19:26



(33) 3321-4580

Av. Pres. Tancredo Neves, 1986
Centro, Caratinga - MG

**AUTO SOCORRO 24 HORAS
FERVEL**



Nos juntamos ao coro dos admiradores de Ziraldo para exaltar seu legado e brindar à sua vida.

Muito obrigado, mestre, por tudo!



A sua moda em liberdade

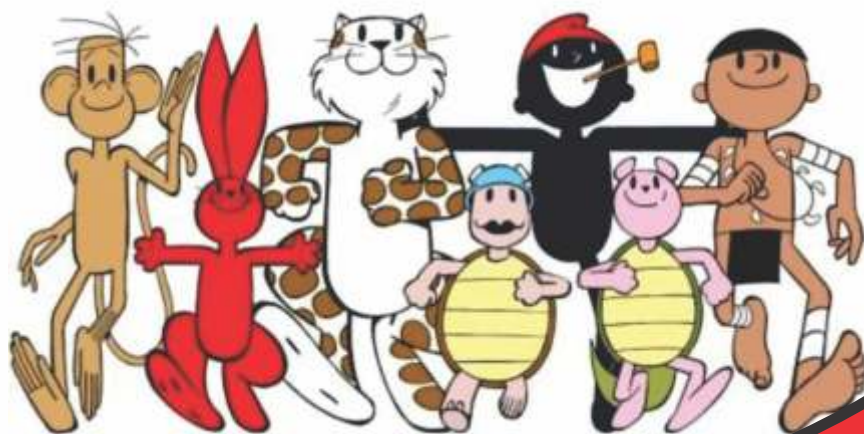
📞 (33) 98440-9956 | Rua Coronel Antônio da Silva, 193-A | Caratinga - MG



Nossa homenagem àquele que ensinou gerações de brasileiros a gostar de ler.

Valeu, Ziraldo!





Valeu, Ziraldo!

Essa turma é da
pesada e viverá
sempre em
nossos corações!



POPPYS
FAST FOOD

CARATINGA

VIVA ZIRALDO!

Morada
imóveis

Locação e venda de imóveis;
Administração de condomínios.
Deixe a administração do seu
imóvel em nossas mãos!

(33) 3321-9090



www.imobiliariamoradaimoveis.com.br



Cred: PJ.6599
4ª Região





Casa de Artista

Um rolê pela sala do Ziraldo

Camilo Lucas

Na última vez em que estive na casa do mestre, houve um momento em que fiquei sozinho na sala. Resolvi ir no banheiro e vi um quadro muito legal lá, do Ziraldo olhando com aquela cara de mineiro desconfiado o pintinho de uma estátua greco-romana. Um quadro perfeito para o banheiro, diga-se de passagem! Tive de fotografar...

Saindo do banheiro, e já que tinha fotografado a foto hilária do Ziraldo, achei que deiva fotografar também outros detalhes espalhados pela sala, pois cada cantinho tinha a cara dele. Fotografei à toa, só pra mim mesmo. Tinha um painel com a reprodução completa do histórico mural do canecão (acima) e uma foto dele com sua esposa Márcia Martins, tirada em uma viagem a Nova York num bar em que Woody Allen tirava um dia da semana pra tocar saxofone, e eles foram lá testemunhar (ao lado).

No dia em que chegaram desta viagem, eu e o artista caratinguense Paulo Veira tomamos um café da tarde em que ele ficou nos contando da alegria deste momento e também dando uma aula sobre a arte de Norman Rockwell, ilustrador americano que ele disse que «queria ser», através de um enorme livro que ele trouxe de lá.

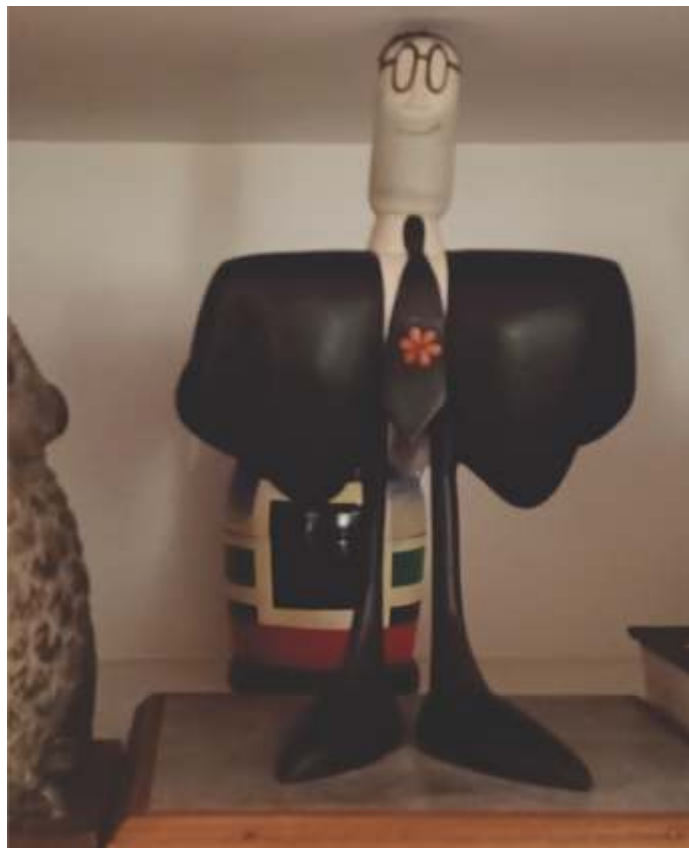






Cada cantinho da sala tem a cara de Ziraldo, seja nos bonequinhos dos personagens espalhados por todo o espaço, ou no jornal «O Globo» datado do dia em que ele nasceu, estátuas de santos que lembram sua infância no interior, uma biografia oficial dos Beatles lançada ainda nos anos 60, vários presentes de amigos e tudo o mais.

Ao preparar esta edição da Jararaca Alegre, achei que devia compartilhar com os leitores esta experiência de passear pela sala do Ziraldo, tentando decifrar as histórias por trás de cada objeto, identificar o espírito do homem que quis ter sempre à vista lembranças e presentes de amigos, cada um recheado de simbolismo e significado, vendo a vida pelos olhos do artista.





À esquerda: obra de Saul Steinberg, ilustrador da The New Yorker. À direita: obra de seu irmão Zélio



Visitar Ziraldo e ficar de prosa foi um hábito que cultivei desde a juventude. Aqui, estamos Karol e eu junto a ele e sua irmã Santinha, que estava em sua casa neste dia (setembro de 2019). Santinha foi colega de minha mãe no «Colégio das Irmãs, em Caratinga. Nesse dia, tomamos café com ele e mostramos a filmagem da montagem de «Flicts» realizada pela Escola Aplauso, da querida Juliana Anselmo, filha de seu amigo Flávio Anselmo, marcando os 50 anos da publicação do livro. Ele adorou assistir, recitando junto o texto poético. Assim minhas idas à casa de Ziraldo: «conte-me tudo, não esconda nada», ele pedia, e a prosa prosa rolava. Fui muito feliz como discípulo e acho que sou um dos fãs mais bem sucedidos do mundo. **Camilo**

Convivendo com o mestre

Tive oportunidade de conviver com Ziraldo, para além da relação de fã ou profissional, por dezenas de ocasiões ao longo de minha vida, desde a infância.

Peço licença para contar alguns «causos» que me vêm à lembrança...

O dia em que o Ziraldo conheceu a Jararaca

O Fempoc – Festival da Música Popular de Caratinga, realizado anualmente pelo Centro dos Estudantes, era um dos mais importantes do Brasil. O Cine Itaúna cabia mais de 2000 pessoas sentadas e a lotação era completa, com os corredores todos cheios de gente em pé ou sentada no chão. Cada ano, uma grande atração encerrava os três dias de festival competitivo. Em 1977, o convidado era ninguém menos que Raul Seixas. E a comissão julgadora do festival era formada por nomes ilustres da terra. Naquele ano, vieram Ziraldo, João Penna, Flávio Anselmo, Etienne Arreguy e Agnaldo Timóteo, entre outros.

Eu tinha 14 anos, editava a Jararaca Alegre há dois, ela tinha se tornado o jornal oficial dos estudantes de Caratinga e o Centro dos Estudantes tinha nos cedido uma sala em seu prédio para ser nossa redação.

Automaticamente, passamos a fazer parte do CEC no sentido de colaborar voluntariamente com suas realizações. No caso do Fempoc, ajudamos na divulgação, tive até a honra de acompanhar o presidente José Antonio em sua ida ao programa Discotape, da TV Itacolomi, para divulgar nosso festival.

Quando chegou o grande dia, fomos para o Cine Itaúna, eu e meu colega de redação Carlos Eduardo Gomes de Araújo (Carlão) para distribu-



A dedicatória, junto aos autógrafos de outros caratinguenses ilustres que estavam presentes e, no verso, ilegível (na foto), o endereço do Pasquim no Rio, provando que o convite era pra valer

ir o jornalzinho lá dentro e entrevistar o Raul Seixas com nosso gravador tijolão preto, conforme combinado com a produção.

Foi quando entreguei um exemplar da Jararaca nas mãos do Ziraldo, que me disse: “ah, você que é o neto do Camilo? Estou sabendo que você tá bem atuante. Olha, você tem de ler o Pasquim, o JB e a Veja pra saber o que está acontecendo no Brasil, viu? E quando terminar seus estudos tem de ir pro Rio”. Na sequência, dei mais um jornalzinho pra ele e pedi pra autografar pra mim. Ele escreveu na capa: “Para o Camilo, esperando por ele no Rio”.

E no verso do jornal colocou seu endereço!

Não conseguimos entrevistar o

Raulzito, ele tava doidão demais. O jornalzinho autografado eu guardo até hoje, graças a Deus. Quanto a ir pro Rio, não fui. Como Ziraldo escreveu décadas depois a meu respeito: “Camilinho é a glória de Caratinga que decidiu ser glória lá mesmo...”

Mas o endereço não foi em vão. Desde então, todas as vezes que fui ao Rio, liguei pra ele e em 99% das vezes, ele disse que eu podia ir pra lá pro estúdio dele. Mesmo quando ele estava trabalhando, e não podia me dar atenção, me deixava ir e ficar de bobeira por lá. «De bobeira» significa ficar vendo o maior de todos trabalhando. Cachorro de açougue aprende a cortar carne vendo o açougueiro cortar?

O lançamento do livro do menino maluquinho

Em 1981, início do ano, Ziraldo veio a Caratinga, não me lembro por que, e a gente marcou uma reunião com ele pra discutir a cultura de Caratinga. Fomos eu, P.S. (Azultur), Sajúlio Pomba, atiel Ferreira Lúcio, Júlio Pomba, Claudio Piazarollo, Marco Antonio Porcaro e duas meninas que não me lembro, eram baianas e estavam hospedadas na casa do Salá. Ziraldo foi acompanhado do seu tio Wilson Martins, que ele adorava e levava com ele pra todo lado. A reunião se deu à tarde no RB Restaurante, que ficava na rua Raul Soares.

Nesta reunião, Ziraldo nos instigou a criar um “movimento cultural” na cidade e, também, a entrar na política – sendo que, no ano anterior, Salá e eu nos candidataríamos ao Centro dos Estudantes de Caratinga, como presidente e vice, mas “perdemos” (roubado descaradamente) devido a todo um movimento contra nós, por sermos acusados de “comunistas maconheiros”.

A conversa foi super agradável, lembrava o clima daquelas entrevistas do “Pasquim”, onde entrevistadores e entrevistado bebiam e proseavam à vontade sem um roteiro fielmente estabelecido. Porém, os frutos vieram. Naquele ano nós criamos o MOVIMENTO CULTURAL CARATINGA 81 e, no ano seguinte, lançamos o Salá como candidato a vereador representando a juventude da cidade.

O MCC81 já começou bem: promovemos a exposição de retorno do artista plástico Josias Moreira, que vivia na Alemanha e era premiadíssimo no exterior. Josias era de Entre Folhas e seu estilo surrealista era maravilhoso, sendo que ele também era uma pessoa especial e tornou-se nosso grande amigo. Ajudamos a organizar o festival de dança da Prisma Academia, fizemos um desfile com amostras da cultura da cidade no dia do aniversário de Caratinga e começamos a organizar o que seria a “1ª Mostra de Música do Interior Mineiro”, no campo do Caratinga,



trazendo, entre outros: Alceu Valença, Toninho Horta, Sagrado Coração da Terra, Orquestra Fantasma e Grupo Chapéu do Sol... e várias outras atividades, especialmente o lançamento oficial em Caratinga da primeira edição do livro “O Menino Maluquinho”.

Ziraldo já tinha escrito “Flicts”, “O Bichinho da Maçã” e outras obras infantis, mas não era ainda consagrado como escritor infantil, e ninguém imaginava que este livro traria esta consagração como trouxe. O Menino Maluquinho conquistou o Brasil de uma forma que só a genialidade do Ziraldo seria capaz. Mas, naquele início de 1981, quando fomos convidados a

promover seu lançamento em Caratinga, terra natal do autor (que já tinha promovido o lançamento nacional), foi com muito orgulho que o fizemos, e particularmente o meu orgulho foi em dobro, pois fui incumbido de criar o cartaz.

Eu não sabia como era o desenho do maluquinho pois não tinha um livro pra olhar, a cidade ainda não tinha recebido os exemplares. O lançamento se daria em dose dupla, trazendo também “A Bela Borboleta”, de Ziraldo e Zélio, seu genial irmão. Assim, desenhei um menino à la Ziraldo e coloquei nele asas de borboleta, simples assim. Guardo um cartaz até hoje e tempos atrás, levei pro Ziraldo autografá-lo. Tá na minha parede e no meu coração.

Reunião com Ziraldo na lanchonete RB, 1981. Desta reunião, saíram idéias como o Movimento Cultural de Caratinga e o envolvimento da juventude na política



Painel em homenagem à Turma do Pererê

Em 1985, o Esporte Clube Caratinga completaria 68 anos e a criação da “Turma do Pererê”, de Ziraldo, faria 25 anos. Estavam havendo algumas comemorações do jubileu de prata do Pererê, e o presidente do ECC, Aluísio Mendes Andrade, resolveu comemorar o aniversário do clube com uma homenagem aos personagens do Ziraldo. Haveria um baile, no qual seria inaugurado um painel dentro do Palácio de Cristal em homenagem aos personagens e ao aniversário do clube.

Fui convidado a criar e executar este painel. Pintei a turma do Pererê cantando parabéns pro clube em torno de um bolo com velinhas “68”. O painel ficou pronto na sexta, quando Ziraldo já estava na cidade. Ele passou a noite em festa, como com amigos na casa da Emi Batista, como sempre, e no dia seguinte acordou se sentindo mal. Acabou sendo internado na Casa de Saúde. Não teve alta a tempo de ir ao baile, que aconteceu assim mesmo, e as homenagens ao Ziraldo foram feitas sem a presença dele.

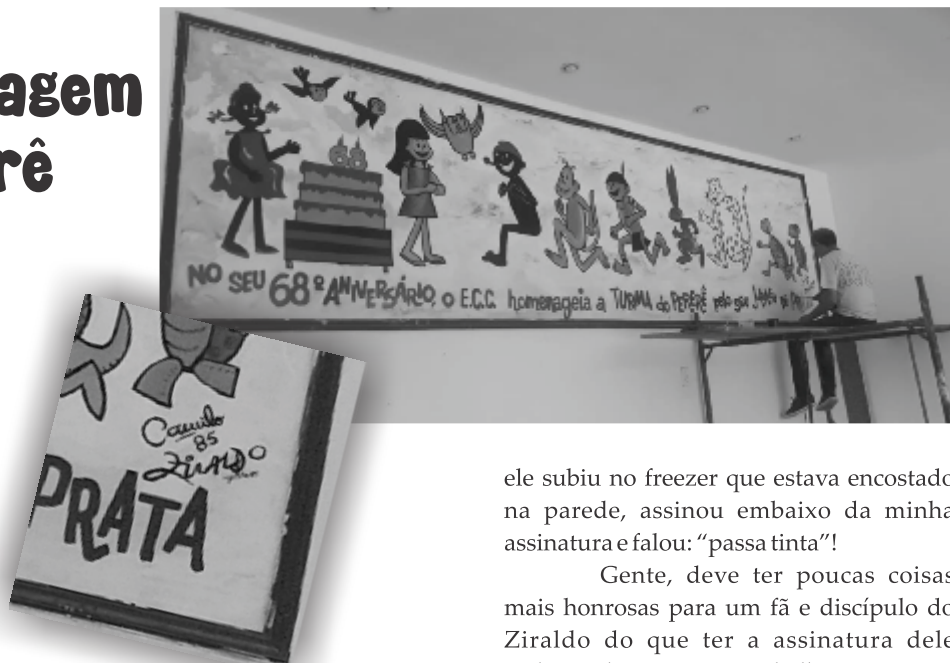
No dia seguinte, quando ele teve alta, Aluísio me convidou para, junto ao

Salatiel Ferreira Lúcio e outros que não me lembro agora, acompanhar Ziraldo ao clube para ele ver a homenagem.

Chegando lá, Ziraldo olhou, olhou o painel que pintei, em silêncio, o que me deixou bem apreensivo: será que ele aprovou o trabalho?

Minha preocupação acabou quando, depois de um tempo, ele se virou pra nós e falou: “Pinta a boca e a tanga do Tininim de preto” e emendou com “alguém tem uma caneta?”

Salatiel emprestou a ele uma Bic,



ele subiu no freezer que estava encostado na parede, assinou embaixo da minha assinatura e falou: “passa tinta”!

Gente, deve ter poucas coisas mais honrosas para um fã e discípulo do Ziraldo do que ter a assinatura dele embaixo da sua em um trabalho!

Em 2022, o clube passou por uma reforma, e quando eu vi que estavam cimentando tudo que estava deteriorado, eu percebi que, no painel, tinha algumas linhas de rachaduras na parede. Com medo de que eles passassem massa e tinta branca em cima do desenho (o que eu soube mais tarde que não iria acontecer), me ofereci para restaurar o mesmo, o que foi prontamente aceito pelo Edgar, presidente do clube. Foi o que fiz, e agora, a pintura seguramente aguentará mais algumas décadas.

«Acabou com o meu papel de fax!»

De tempos em tempos, lanço uma coletânea das coisas publicadas na Jararaca Alegre. Em 1993, quando a revista fez 18 anos, preparei uma que se chamaria “Anabolizantes”. O prefeito Dário Grossi tinha reservado um stand na feira dos municípios que iria acontecer no Minascentro, em BH, para os escritores e artistas de caratinga exibirem seus trabalhos, e tinha uma mesa pra mim. Corri para preparar o lançamento ali do

novo livro e quis que o Ziraldo escrevesse um texto de apresentação. Liguei pra ele e ele disse: “me manda alguns textos do livro por fax pra eu saber do que se trata”.

Fui na loja do meu tio Antonio, pedi pro meu irmão que trabalhava lá passar o fax pro Ziraldo. Levei uns 8 textos do livro, cada um com 3 a 5 páginas. Elmane mandou tudo pro Ziraldo e fiquei esperando. No fim da tarde, o Elmane me ligou: “chegou um fax pra você!”

Era o texto do Ziraldo, um texto maravilhoso, que eu publico aqui pra vocês verem. Tamanha a minha felicidade!

Quis ligar pra ele pra agradecer e ele me recebeu com esta:

- Obrigado nada! Você acabou com meu rolo de fax! Pode mandar outro pra mim aí!

Camilim é a glória de Caratinga que decidiu ser glória lá mesmo. Quando eu o conheci ele era um menino perdido na tempestade. Se vocês olharem para ele hoje vão descobrir que ele continua com o mesmo ar: completamente perdido. Camilim é um fenômeno; ele foi o primeiro menino a ser pai. Me lembro do Camilim com seu bebê no colo: dois meninos.

Camilim parece frágil. Não é. Ele é uma força da natureza! Decidido, disposto, criativo, ele é um líder. É um grande gozador. Muito bem informado, Camilim da conta de tudo que passa pelo mundo. Inventador de moda, transforma tudo em criação e humor. E recria o mundo com graça e ironia. Seu texto é ágil e sua visão do mundo, aguda. Ele é um sábio, pois sabe que só se pode rir do mundo se a gente for capaz de rir da gente mesmo. Ele ri. Leia as suas historinhas. Só a história do Piruka vale o livro inteiro. Dá vontade de fazer um filme do Fellini com seus casos. Foi um rapaz de Caratinga que descobriu que Nelson Rodrigues gostava de ser chamado de “Anjo Pornográfico”. Pois acabo de descobrir em Caratinga, na figura doce de Camilim, o nosso Indecoroso Querubim.

Ziraldo



No texto, o Ziraldo fala do «Camilo e seu menininho no colo». Aqui, estamos eu, Ziraldo e o «menininho» Felipe

Gastando por conta do 1º festival de rock de Caratinga

Um belo dia de 1986, Ziraldo veio a Caratinga para apresentar seu candidato a deputado federal nas eleições daquele ano: o armador mineiro radicado no Rio, Mauro Campos. Aconteceu um churrasco na casa do nosso amigo Carlinhos da Cerâmica, lá perto do aeroporto, reunindo políticos e empresários locais, junto ao Ziraldo e ao candidato, para se conhecerem e quem sabe engajarem na campanha. Eu tinha acabado de dar um up na minha atividade de produção cultural, realizando meu primeiro show com banda nacional, o Biquini Cavado, no Cine Itaúna, e pretendia fazer um festival de rock com várias bandas.

Então, tomei coragem e pedi ao Ziraldo pra conseguir um patrocínio com o Mauro Campos pra gente fazer este evento. Ziraldo falou que ia tentar, e quando liguei pra ele uma semana depois, disse que estava praticamente certo. “Me liga sexta-feira”, disse ele.

Na sexta-feira seguinte, eu, o Juninho Bill (que tinha me ajudado na produção do Biquini) e o Marcus Vinícius “Teco” (meu primo emprestado, que trabalhava com produção em BH e ia entrar comigo no festival) ligamos pro Ziraldo e ele disse que podíamos ir pro Rio que o patrocínio tava ok.

Menos de duas horas depois, a gente estava dentro do estúdio dele, contentes e saltitantes.

Quando a gente chegou ele falou:

- Uai, de onde vocês ligaram pra mim?
- De BH.
- E como vocês já estão aqui?
- Viemos de avião. Ligamos do aeroporto!
- Ahhh, já estão gastando por conta, é???

Olha... a gente ESTAVA gastando por conta mesmo rsrsrs. O patrocínio era de cem mil cruzados.

Saindo da casa do Ziraldo ainda fomos comer uma casquinha de siri em Ipanema, antes de pegar o voo de volta no fim da tarde! O 1º Festival de Rock de Caratinga começou ali!

Ziraldo falou também: “já que



vocês vão levar várias bandas, por que não levam a banda do meu filho Antonio, a Tao & Qual?” – Levamos. Combinamos também com Ziraldo que ele seria o apresentador do festival, e assim poderia falar sobre seu candidato. Na época havia menos restrições na propaganda eleitoral, e isto era permitido, bem como constar o nome dele no cartaz como patrocinador.

Fizemos uma noite com João Penca & Miqinhos Amestrados, Plebe Rude, Tao & Qual, Circuito Fechado, Pouso Alto (estas duas últimas bandas, de BH, reuniam músicos que, mais tarde, formari-

am o Skank) e as bandas locais Câmbio Negro, Idade da Luz e Passport.

E foi nesta noite que consegui a proeza de levar Ziraldo a Caratinga para ser vaiado. Ele tomou a maior vaia quando, ao apresentar o festival, falou o nome do candidato. O pessoal é muito ingrato: o festival não teria acontecido sem o apoio financeiro do Mauro Campos, mas ninguém queria saber, todo mundo só queria rock and roll.

Alguém tirou fotos, eu não fui buscar e nem lembro mais quem foi. Sobrou o cartaz.

Jararaca Alegre e os Impublicáveis

Em 2008, pedi à minha querida amiga Brígida Moreira que me ajudasse a organizar um lançamento da Jararaca no Rio. Ela era produtora cultural na cidade e abraçou a causa com carinho! O local seria o brechó “A Coqueluche do Momento”, um lugarzinho descoladíssimo lá nas Laranjeiras, onde satisfeito eu iria sorrir. Convidei meus amigos Os Impublicáveis a lançar a revista deles junto comigo, éramos (somos!) parceiros de arte e vida. Assim, em abril a gente alugou um apê de temporada em Copacabana e nos mandamos pra lá com pacotes de revistas.

Obviamente, visitamos Ziraldo para convidá-lo. Ele reclamou que no dia tinha jogo do Flamengo e não daria pra ir. Depois, falou que ia ao menos dar uma passada. Meus amigos Robert e Domingos ficaram encantados com a forma como Ziraldo nos recebeu em seu estúdio, com toda a simpatia e analisando a revista deles ponto a ponto, classificando-a como de alto teor literário, qualidade artística e, também,

transgressora. (A Jararaca ele já conhecia bem, mas não vou perder a oportunidade de deixar aqui suas palavras a respeito dela: “eu rodo o Brasil inteiro e não conheço uma cidade que tenha uma revista bacana assim!”)

À noite, graças ao empenho da Brígida e também aos meus insistentes convites a amigos e conhecidos no Rio, o “Coqueluche” estava lotado. Era uma casa centenária no bairro de Laranjeiras, com a parte interna tomada por obras e objetos à venda, e o quintal liberado para nosso evento.

Eu estava feliz demais vendo que tantos amigos saíram de casa para nos prestigiar e, claro, matar saudades! Ainda por cima, meu amigo Pedro Zopelar, que estudava música no Rio, levou seus colegas de curso e fizeram o maior som!

Ziraldo chegou, acompanhado de seu irmão, o grande e saudoso Ziralzi, mas não conseguiu ir direto pra onde a gente estava. Ficou passeando pelo brechó, fez

POESIA e cartum: duas Visões de Drummond

Em 2008, fui convidado pelo Paulo Telles, produtor cultural em Itabira, a participar com ele, junto à Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade e à Associação Turística Itabirana, da organização do salão de humor “Drum-mor”, em homenagem a Drummond.

O foco seria a cartunização de poesias do grande poeta brasileiro nascido em Itabira. O salão acabou não acontecendo (ficou para 2010), mas entre as nossas conversas, acabou surgindo a ideia de realizarmos uma exposição de poesia misturada com cartunismo.

O resultado foi a exposição “POESIA & CARTUM: DUAS VISÕES DE DRUMMOND”, reunindo a cartunização do poema “Eu, etiqueta”, que eu criei, e as artes criadas por Ziraldo para o livro “O pipoqueiro da esquina”, onde ele cartunizou as “pipocas”, frases soltas que Drummond publicava ao final de suas

NO RIO DE JANEIRO



até algumas compras, dando atenção aos presentes que ficaram encantados com sua presença (eles não tinham sido avisados!). Enquanto isso, Pedro & Cia faziam uma sessão só de Beatles. Quando Ziraldo finalmente conseguiu chegar no quintal, ficou maravilhado: “uai, mas isso não é disco, não?”

Resultado: Sentou-se em meio aos violeiros, ficamos cantando junto e ele não foi ver o jogo.

Passou a noite lá com a gente, curtindo e tomando umas!



colunas no Jornal do Brasil.

Ziraldo foi extremamente atencioso quando lhe fiz o convite, permitiu a reprodução dos seus trabalhos em tamanho gigante e o resultado foi ver meu nome lado a lado com dois dos maiores gênios das artes brasileiras: no cabeçalho dos cartazes, vinha assim: “Drummond, Ziraldo e Camilo”. Gente do céu, ao menos uma vez na vida um artista precisa sentir esta sensação, eu recomendo viu!!!

Uma semana antes da data da expo, eu estava em BH e vi nos jornais que Ziraldo estaria lá para uma palestra no Colégio Santo Agostinho. Eu “morava” (duas semanas por mês) no Gutierrez, dava pra ir a pé, e resolvi ir lá e pedir pra gravar com o Ziraldo uma mensagem de vídeo para as pessoas de Itabira. Chegando no hall do colégio, Ziraldo estava cercado de fãs e, quando me viu, falou: “Alá o Camilinho! Chega aí meu filho!”

Alguém viu ele me chamando de filho e perguntou se era mesmo. Ele disse que sim, de brincadeira, mas outras pessoas ouviram. Em seguida, ele foi fazer a palestra e eu fiquei toda hora tendo de responder “você é filho dele mesmo?” rsrsrs

Vários integrantes da turma do Pererê estavam lá (Pedro Vieira, Galileu, Ziralzi – os que me lembro agora) e, depois da palestra, fomos para um restaurante ficar fazendo resenha. Eu estava com uma filmadora digital, comecei a filmar a mensagem do Ziraldo, mas ele quis que eu ficasse do lado dele, então passei pra uma

mulher que estava sentada na nossa frente filmar pra gente. Quando fui ver as imagens, parece que ela fez até de sacanagem. Fez com a câmera virada em pé – ainda não se usava vídeos em pé igual hoje na era do iphone – e ainda por cima, tudo tremido. Maldita baranga, as imagens ficaram um lixo, mas o Ziraldo falou que assim que era bom pois era “cinema verdade” rsrs. Ele não gostava de fazer as coisas de novo.

Mas foi uma noite ótima, isso eu não posso negar. Na hora da conta levei um susto, porque a turma era daquelas que quando sentam no bar, todo mundo pede o que quer e a conta é dividida igual por todos. Eu tava com pouco \$\$, então fui super comedido: uma coca cola, um salgadinho... e o pessoal entrando no uísque, pizza, pratos caros... vendo a minha situação, nosso saudoso amigo Galileu, a onça da Turma do Pererê, falou: “pode deixar que eu pago a sua parte, Camiliinho!”

Assim, montamos a expo na Casa de Drummond, museu que foi instaurado na residência da família do poeta quando ele viveu na cidade. Foi uma honra imensa, e como bônus, ainda passei a semana ministrando uma oficina de cartum & poesia para crianças e adolescentes da cidade.

Lembro-me com muito carinho de todos os que convivi em Itabira nestes dias, tive oportunidade de voltar algumas vezes, mas agora tá demorando. Preciso rever aquela cidade!



Ziraldo compra meus quadros e eu fico com um problema

Em 2004, fui convidado pela Gigi Azevedo, diretora do departamento de Cultura de Caratinga, a expor na Igrejinha de São João os quadros que pintei durante meu tratamento na Comunidade Terapêutica Mãe Admirável. Fiquei lá por 9 meses, durante os quais pintei aproximadamente 70 telas com temas sacros. As obras casavam direitinho com a igrejinha, que havia sido restaurada e transformada em um museu, e sua inauguração se daria com minha exposição.

A expo permaneceria por todo o mês de abril, e aconteceu de o programa "Viação Cipó" vir à cidade para enfocar Caratinga em sua próxima edição. A convite do prefeito Ernani, Ziraldo também veio, para participar das gravações. Um dos lugares que o programa visitou foi a igrejinha, e minha exposição ganhou destaque. Em meio ao cenário que montei, Toledinho entrevistou Gigi, Ziraldo e eu, que tive também ao meu lado meu filho Felipe. E Ziraldo,



Toledinho, Ziraldo, Gigi e eu, na exposição «Retiro Espiritual» na Igrejinha de São João (print de um VHS digitalizado). Na foto abaixo, os quadros que o Ziraldo comprou para presentear a Gigi

durante a entrevista:

- Esse cara aqui bebeu a cidade inteira, aí acabou a bebida ele parou! Mas o Felipe não, o Felipe é normal!

Acontece que, se você não percebeu ainda, minha estada na Mãe Admirável foi pra conseguir parar de beber, e consegui. Estou sóbrio há 21 anos! Percorrendo a exposição, Ziraldo viu um quadro, gostou, perguntou quanto era e falou: "Vou comprar este quadro porque quero presentear a Gigi!" Gigi ficou toda feliz, mas eu expliquei ao Ziraldo que se tratava de um díptico, ou seja, dois quadros irmãos, que funcionam juntos. Então ele comprou os dois. "Você vai na festa à noite? Lá eu te pago".

À noite, houve uma recepção no sítio da DPC, dos nossos amigos Álvaro e Jean Lacerda, e lá ele preencheu um cheque



e me pagou. Passei semanas decidindo se descontava o cheque ou botava ele numa moldura.

Salomonicamente, tirei um xerox, descontei o cheque e botei o xerox na moldura.

Muitas histórias, muitas e boas lembranças...

Do dia em que meu avô/padrinho Camilo Lélis me mostrou, todo feliz, o quadrinho do Pererê em que os personagens topavam ir tomar um sorvete no seu bar, até o momento em que eu passei a ser bem recebido em sua casa, por ele e sua saudosa esposa Vilma e também, hoje, pela Márcia, muitos momentos tiveram desfechos peculiares que merecem ser contados numa resenha com os amigos em torno de um torresminho com cachaça (ou, no meu caso, com uma Coca-Cola).

Momentos que se vive com quem se tem amizade recíproca, valorizada extremamente pelo fato de se tratar de um discípulo e de um mestre. Um mestre que já me carinhosou, já me elogiou, criticou, incentivou, ensinou, acolheu, e já me chamou de chato também, como num encontro no bar da Dona Lucinha em BH em que eu bebi além da conta (como sempre, só que em uma outra vida).

Estive com Ziraldo, pela última vez, em setembro de 2022, ele já bem debilitado; mesmo assim, a querida amiga Márcia Martins não me negou a visita ao meu querido mestre. Saí de sua casa, eu e Karol, umas 9 da noite, e eu não contive uma lágrima involuntária. Pensei que, talvez, fosse a última vez que o veria. Não

foi: no mês seguinte, em outubro, fizemos uma festa de aniversário pra ele no Casarão das Artes, e na hora do parabéns, fizemos uma chamada de vídeo pra que ele visse a gente brindando à sua vida: só não foi possível a ele soprar as velinhas do bolo, mas fizemos isto por ele. Importante foi ver seu olhar emocionado com nossa tão singela homenagem. Desta vez, quem não conteve a lágrima foi ele.

Sim, eu sou um privilegiado!



Com Ziraldo e Márcia, em 2019. Acima, o quadrinho do Pererê em que Rufino e Flecha Firme tentam roubar as namoradas dos nossos heróis, convidando-as para traçar um sorvete no bar do meu avô Camilo Lélis.

leve como a Lua

Só posso falar das minhas impressões. Afinal, este texto será publicado numa revista da sua terra natal, que certamente será amplamente lida por caratinguenses pós-doutores em Ziraldo.

Não me cabe falar da sua arte gráfica, dos traços precisos e cores vibrantes que cativaram gerações. Tampouco do seu compromisso com a justiça social ou de como enfrentou a censura com bravura durante a Ditadura Militar. Nem dos desenhos que ficaram registrados nas páginas do Pasquim, com mensagens em defesa da liberdade e da democracia.

Presente na minha formação intelectual desde a infância, Ziraldo sempre foi uma entidade criativa, um ser superior que enfeitava o caminho artístico pelo qual eu queria seguir. Era um Ziraldo de papel e cores, de ideias e opiniões, de criatividade e infância crônica.

Ele já tinha tudo o que era preciso para ocupar o lugar mais alto da minha estante quando tive a oportunidade de o conhecer pessoalmente. E não foi numa feira literária, tendo que enfrentar uma fila quilométrica para uma sessão de autógrafos. Foi um encontro pessoal, em que fui recebido em seu estúdio, graças à articulação de Camilo, que também estava presente nesse dia. Os detalhes deste encontro foram narrados no texto “2x0 para Ziraldo”, publicado anteriormente na Jararaca Alegre, e não serão repetidos aqui, pois hoje só quero falar das minhas impressões.

Quero falar da bela contradição de um artista gigante que ao mesmo tempo era leve como uma pluma, do poder transformador do seu lápis erguido nos momentos mais dramáticos da história do país, da eterna meninice que certa vez o fez dizer que os “meninos” dos Beatles eram muito bons.

Ziraldo foi generoso com as gerações que sucederam a sua. Mais que caminhos, abriu avenidas, nas quais plantou palmeiras para que quem viesse depois pudesse seguir pela via pavimentada e sombreada. Distribuiu sua arte como quem lança balas ao alto numa rua cheia de crianças e, para mim, em particular, deu um dos conselhos mais valiosos da minha vida.

Ziraldo, com todo o seu peso, era leve, tão leve que subiu, se desprende do chão e se elevou; flutuando, passou pela Lua, que evidentemente é Flicts.





Ao mestre,
com carinho
Camilo





«Eu sou da Terra do Ziraldo." Quando me perguntam de onde eu sou, é assim que eu respondo.

Minha família é de Caratinga há algumas gerações. Eu me mudei da cidade quando ainda era criança, mas os feriados, férias e finais de semana eram quase sempre na Pequena Grande Caratinga. Uma gangue de primos tocava o terror entre a Av. Catarina Cimini, Rua Nova e Praça Cesário Alvim. A gente brincava de esconde-esconde entre as pilastras da Catedral, jogava futebol na casa da avó que era pertinho da praça e das vistas do Palácio do Bispo.

A gente era tudo 'maluquinho', meninos e meninas. Era a Terra que o Ziraldo desenhou. Meu primeiro contato com o Mundo Ziraldo foi no primário, durante o período da Alfabetização. A coleção Corpim brilhava reluzente nas prateleiras da biblioteca, era impossível não querer saber o que os dedos, o sorriso queriam dizer.

O Joelho Juvenal e o O Calcanhar do Aquiles foram os primeiros de uma longa lista.

O Joelho como personagem principal é parte importante da personalidade de seu dono, ralado e correndo livre por aí e o calcanhar que gostava de ouvir histórias.

Lembro-me perfeitamente de ficar na imaginação dando vida às coisas. Tudo podia ser poesia.

Na quinta série, escrevi um conto como tarefa da aula de Português. O título, A Jarra Gandaieira, uma simpática ornamentação de mesa que fugia para a farra nas madrugadas e quase causou o caos quando acusaram o garoto levado, que jogava bola na sala, de tê-la quebrado e escondido o fato. O menino não era mentiroso, a Jarra é que, na farra, perdeu a hora de voltar.

Essa humanização dos ornamentos da casa de uma criança levada é muito Ziraldo, O menino maluquinho. A culpa não era do menino e nem da bola, mas da jarra que era da gandaia

Os exercícios de criatividade propostos por Ziraldo em seus livros explodiram em minha mente.

Saber que o autor do 'Menino Maluquinho', da 'Turma do Pererê', da 'Bela Borboleta' era da minha Terra foi muito emocionante; eu sonhava em encontrar com ele para conversar, para perguntar como que ele fazia pra ver tanta vida. .

Ziraldo foi mais do que inspiração. Ele soprou a faísca e deu partida ao desejo de também desenhar e escrever.

Flicts foi, sem dúvida, o livro que mais me impressionou. O grafismo, o amor pelas cores.

Flicts é arte moderna. Flicts é profundo.

Os conceitos apresentados de forma tão simples, tão certa, concreta e sublime.

Por tudo isso sinto que Ziraldo tratou a infância com respeito. Ele conseguiu crescer sem desaprender a voar.

Ser da terra do Ziraldo é ter em um joelho ralado uma vida inteira para contar.

Perder Ziraldo para o tempo é triste.

Hoje a Lua está ainda mais Flicts



Perder Ziraldo Para o tempo

Carta aberta a *Zirardo*



Já usei panelas na cabeça e conversei com meu umbigo. Ah, meu umbigo não sonhou ser o da Garota de Ipanema, mas sim, o do Steve Harris (nos devaneios de ter uma banda de Heavy Metal).

Mas a vida seguiu. E tudo mudou. Não falo mais com meu umbigo... e isso é até meio triste. Peraí, deixa eu explicar: a vida de agora nos conecta, nos amplifica... e ao mesmo tempo nos desliga do sonhar. Somos tudo e todos e não somos nada porque essência hoje se resume a perfume. É só a primeira impressão e acabou.

Se as panelas continuassem em nossas cabeças talvez nos protegeríamos de tanta idiotice.

Falta sonho, sobra anemia de alma. Carecemos de vitamina Z.

Obrigado, Zirardo.

Ass: **Mario Liz**, um ex-Maluquinho.



DISCRIMINAÇÃO 801

Caros filhos de cor-de-rosa e "material subversivo": latões, ponteiros, cantores, jões, res- vista. Quando é que veremos camibões lotados de dollins, galvões, maluts e belos de dólares, jóias, apões, delvântes... — (Sylvio Abreu)

SE MALUF VENCER

Será repetida, pelos inimigos mas recalcitrantes e bem de vida do Maluf, já que ampliada, a frase histórica: "Quem for brasileiro que me siga. Vamo- nos mudar deste país". — (Sylvio Abreu) 801

VIAJANTE DAS ESTRELAS 802

Para quem leva a casa fresca (to. hum. sentido), uma vez a- curtir o livro de poesias do Mauro Sérgio, Viajante das Estrelas. Não sei em que li- vros se encontra, mas é comum encontrar nos botes da vida, divergindo seu trabalho de- mais em rios (Sylvio Abreu). Trocaram encontro de mais cedo, que o meu é baseado e vai durar, que nem Cinderela, assim que ameaça a meia-noite. — (Jairal Carralho)

PICLES 802

SYLVIO ABREU

IO Shakespeare dos pickles!

Tudo tem relação com a infância mas ninguém melhor que os pedófilos.

O reprimidinho quer ser mulher, mas não tem peito.

Com as amas, sim, o buraco é mais engraçado.

Penso, logo titubeio na cantada.

No sepultamento daquele desunto famoso, sim, tudo eram flores.

Quem disse que o garotinho não tá com essa falta tudo?

Quem sabe tudo sobre nossa vida infestada são as lombrias.

FAMÍLIA É FAMÍLIA 802

A partir de hoje (quinta- feira), no teatro Cacilda Becker, começa a peça do João Siqueira, Família é Família. O elenco é dos mais interessantes; conta com Aderbal Ferreira, Apolônio Neto (o que se vestiu de árabe no lançamento de Papel de Bobo, nossa revista de humor), Grace Benzaquen, o próprio João Siqueira, Marco Mirelli, Marina Lira, Rita Luppi e Wellington Bibiano; a cenó- grafia e os figurinos são de Sandro Dutra, a música e a direção musical de Paulo Girão; a criação e confecção de bonecos de Jorge Crespo; a iluminação fica por conta da Cynthia Pradi e a direção está na mão do autor. E tem mais. O João me autorizou a dizer que quem recortar (ou apresentar com o jornal) esta dica na bilheteria vai pagar só 4 barões (a peça custa 5 pilas, como dizem os paulis- tas). — (Sylvio Abreu)

ANTES MAL ACOMPANHADO DO QUE SO 802

Bobagem pensar em que o Figueiredo ficará sozinho nesse lance de sucessão. No final, ele também aderirá. — (Sylvio Abreu)

O diretor do «Jornal da Esquina» trabalhou com a «patota» (como eles se chamavam) do jornal de Ziraldo & Cia., que dividiu a imprensa brasileira em «antes e depois»

Eu já lia o Pasquim desde sua criação, em 1969. Foi uma revolução na minha cabeça. Como se tudo estivesse guardado, esperando a hora de sair. Nem escrevia ainda, mas em Belo Horizonte um professor me aconselhou a fazê-lo, dizendo que eu levava jeito. Passei a escrever como um desesperado, a respeito de tudo, até que consegui organizar uma pasta de contos bastante ingênuos, mas com a vantagem de serem meio absurdos, como eu imaginava que os editores do jornal gostavam. Nem datilografar sabia, foi preciso o Carlos Alberto Lacerda, por várias noites, ir batendo à máquina, enquanto eu ditava.

Lendo o jornal, comecei a ficar indócil, Belo Horizonte se tornava opressiva, principalmente depois que fui preso, por fazer jornal político clandestino. Eu não aguentava mais o convívio com as pessoas no trabalho, na escola, na pensão da Sadica. Namorava uma moça, irmã de meu amigo Adilson Elias Xavier (bam-bam-bam do Serpro, quando os computadores dominavam toda a parede de enormes salas). Wilma tinha o telefone de uma prima do cartunista Fortuna, um dos cobras do Pasquim. Seu nome é Marilurdes Fortuna Lima e foi com ela que tudo começou.

Eu lecionava no colégio Padre Lebrete e trabalhava em gráfica quando resolvi mudar-me para o Rio. Eu confiava em continuar exercendo minha profissão, em caso de necessidade, até que tudo começasse a dar certo na imprensa, imaginem. Consegui emprego numa gráfica na Gamboa, perto do presídio Frei Caneca, para onde eu nem conseguia olhar sem apreensão, em plena ditadura Médici.

Aí, telefonei para Marilurdes e marcamos de nos encontrar... adivinhem onde? No famoso Café Lamas. Passei aperto, pois pensava que o ambiente fosse chique demais para um

caratinguense provinciano (BH, então, era tão ou mais conservadora que Caratinga, se alguém pode conceber uma coisa dessas). Ali se via Paulo Autran, Tônia Carreiro, Norma Benguel, Chico Anísio, depois José de Abreu, a mulherada boa da Globo, Toni Ramos, o jogador Afonsinho e o João do Vale, que se sentavam a nossa mesa, aquilo era a glória.

Sabendo onde encontrar o Fortuna, dirigi-me à rua Clarisse Índio do Brasil, em Botafogo, quase na praia, onde ficava o Pasquim. Fortuna me atendeu e aceitou levar aquela pasta massada para ler em São Pedro da Aldeia. Na volta, me mostrou diferenças abismais entre o que eu escrevia e o que o Pasquim publicava.

- Seu trabalho tem clima.

Miguel Paiva, que ouvira a conversa, me disse:

- Você tem de falar com o Ziraldo.

Isso eu queria evitar, por saber que todo caratinguense que pretendia alguma coisa na vida artística ia encher seu saco, cavando uma chance. Mas Miguel me convenceu a procurá-lo.

Ziraldo começou dizendo que conhecia todos os caratinguenses de vista e que eu não fazia parte de seu repertório. Eu quis mostrar documentos, ele riu e me convidou a dar uma volta em seu Fusca, azul, se não me engano. Ele já estava bem de vida, tinha também uma Belinda pra carregar a família. Ali, rodando pelo Rio, me deu vários conselhos e fez uma ameaça:

- Se você for bom, vou ajudá-lo. Mas se não for, azar seu.

Para minha surpresa, quando no outro dia lhe telefonei, conforme o combinado, tinha lido algumas histórias e me convidou a trabalhar com ele em seu estúdio, que era constituído de duas salas imensas, dentro de sua própria casa. Era mais ou menos um trabalho de meio boy, meio contador, de levar desenhos aos jornais e revistas, cobrar, pagar,

organizar a papelada do estúdio-escritório.

Certo dia eu vi em sua mesa uma lauda com várias frases de humor e disse para mim:

- Isto eu sei fazer.

Fiz várias frases, hai-kais, o diabo. Mostrei a Ziraldo, que se entusiasmou:

- Tem coisa boa aqui.

E assim estreei no Abre-Alas, anterior aos Picles, nome que a coluna de frases passou a ter tempos depois. Eu assinara meu nome completo, mas ele preferiu Sylvio Abreu e assim fui batizado. Aos poucos fui pegando o jeito e já sabia o que era o "clima" do qual o Fortuna falara. E passei a receber algumas encomendas, graças ao prestígio de ser da "patota do Pasquim", conforme se dizia então.

Tive várias aventuras ali, conheci todo mundo, o Sérgio Cabral (pai do hoje governador do Rio), então editor, Nani, Nilson, Mollica, Duayer, Laerte, João Saldanha, Lapi, a eficiente secretária Nelma, que tempos depois me apresentou ao Brizola, Fausto Wolff, Nássara, Joel Silveira, Franklin Maxado, Henfil, Mariano, Emil, Edílson Martins, Pena Branca, Reinaldo, Hubert, Cássio Loredano, Trimano, Cláudio Paiva, Grilo, Guiddaci, Marco, Caulus, Redi, Demo, Agner, Jaguar, Campos de Carvalho, Sérgio Augusto, Jésus Rocha, Aldu, Wellington Malta, Paulo Francis, Ivan Lessa (quando vinha ao Brasil, pois vivia em Londres), os irmãos Flávio e Paulo Rangel, Chico e Paulo Caruso, Rafael Siqueira (o Ota eu já conhecia da Mad), o Alberto Dines, Artur Poerner, João Antônio, Gustavo Barbosa, Jefferson Ribeiro de Andrade, J. C. Aragão e centenas de outros. Até o Duarte, caratinguense, arquivista do Pasquim, eu conheci no Rio.

O Millôr, já o conhecera na casa de Ziraldo quando da luta entre Cassius Clay (Muhammed Ali) e Joe Frazier (onde conheci também o ator Antônio Pitanga, Aldir Blanc, João Bosco, Gonzaguinha e outros). O curioso é que, ao contrário de todos os esquerdistas, que torciam por Cassius, Millôr disse que Frazier venceria. E não deu outra, para

decepção da platéia.

Nessa época, eu morava no Leblon, no apartamento de Adilson, que ficava por minha conta, pois ele lá quase não aparecia. A pedido de Ziraldo, Millôr me deu uma carona (ele morava na rua Gomes Carneiro, em Ipanema, próximo do Leblon), e eu lhe disse:

- Vou contar para todos meus amigos que o maior humorista brasileiro me deu uma carona.

- E não cobrou nada, ele respondeu.

A pessoa mais inteligente que todos nós já vimos (os artistas do Pasquim e eu também) se chamava Millôr Fernandes. Ouvindo toda essa gente, cem anos a minha frente então, aprendi a "raciocinar em bloco, conceituando o tempo todo", como diria o Francis, para diversão dos demais. Sobre tudo que você pensava, eles já tinham pensado.

Quanto a este oitentão reacionário, Ziraldo Alves Pinto, devo-lhe muito. Ele me arranhou três empregos: na Tribuna Médica, Editora Brasil-América e na Requinte. E até dinheiro me emprestou, a fundo perdido, na hora do aperto, pois eu sustentava minha avó e minha tia em Caratinga. Mas não é hora de lavar roupa limpa.

Com esse pessoal aprendi muita coisa em pouco tempo. Eles eram o melhor texto e desenho do Brasil, não tinham nada de pieguice, zombavam de tudo por convicção, tinham o pé atrás com todo tipo de arranjo político, eram, digamos assim, existencialmente escaldados. Mudaram por completo a forma de expressão das colunas, dos colunistas, editorialistas, repórteres, mudaram a publicidade, desconstruíram e desconstruíram o ambiente conservador dos jornais, todos gramaticais e usando a mesóclise como se nada estivesse acontecendo.

E ao Pasquim devo tudo o que ganhei e o que apanhei nesta vida, onde tive até um livro publicado, Não são diferentes as tartarugas, pela editora do jornal, a Codecri.

Com orelha do Millôr, como se não bastasse.

Sinal de que os cobras me aceitaram, não é?

PICLES 803

- Comunista come criança. Os capitalistas não sabem o que estão perdendo.
- Isso, sim, é orgia: eu, mamãe, uma tia...
- Autopolago tímido morreu de fome: não comia ninguém.
- Necrófilo em necrolério tá sempre entrando em fila.
- Aumenta o homossexualismo. Tá todo mundo dando pra trás.

SYLVIO ABREU

A MULHER DO SILVA 803

Neste livro O Veríssimo está mais africo, ou é impressão minha? E das coisas mais bonitas que eu li nos últimos tempos. O Veríssimo é tão sutil que já entrou na literatura, via crônica de humor, e nenhum crítico careta percebeu. Não que a literatura seja mais "nobre", o que eu quero dizer é que ele faz as duas coisas de-seperadamente bem. Nunca vi tamanha onisciência, consequência, consciência, excelência, sei lá o que digo. Tenho em casa quase todos os livros do Veríssimo (o Luis Fernando, aquele que não fala). De tempos em tempos releio um ou outro. Para aprender, para degustar, para contar na roda de amigos. (Sylvio Abreu, o deslumbrado)

BALCÃO 803

Se você desce os ou livros quer ver show, teatro e poesia, cân Poético to feiras, a partir Fica no Teatro Rui Barbosa, 351-3374. Alé esquecendo, quem! — *Ufufufu*

DIRETAS

De uma coisa que liam hoje: nem Mal ganhariam, por nome muito muito mais ra. Maira Brizola tolhinhos, que rar do Tanc Brizola? Port retas já! — *ES*

AS ADIVINHAS DO ABREU 802

Qual o lugar onde o mando trouxa (bem... nem todos o são...) só leva varadas da esposa? Na vara de família, rá, rá, rá! — (Sylvio Abreu, uma vítima do sistema)

OS COMÍCIOS DO MALUF 802

Quem anda aturando horrores com as visitas do Maluf são os hortigranjeiros de todo o Brasil. — (Sylvio Abreu)

AS ADIVINHAS DO ABREU 802

Quem é que, se fosse cachorro de madame, comeria três vezes melhor do que come? Adivinhou: o operário brasileiro. (Sylvio Abreu, o realista)



Nós, os órfãos

Sabe, em 1937, quando o Pequeno Príncipe (hoje, o Grande Burguês) encontrou o aviador - lá no deserto, lembra? - nasceu também o Ariano sem Assunto (as más línguas falam que foi em 2012, mas não foi!). rabugento com dislexia na fala, conhecedor e desejador de se manter na caverna de Platão para não precisar encarar o mundo... Esse velho ranzinza nasceu há 87 anos, na mente, nas ideias, nas escritas. Mas eu, Leo Dovalho, nasci em 1981 (velho também...) e dos auge dos meus 42 anos (faço aniversário em Setembro, e agora é Abril ainda)... Cara, chorei quando soube da morte do cara que desenhou mais do que figuras no papel, mas também, a minha vida, assim como a de vários "Nós" que ficamos órfãos dele.

Órfãos para além das leituras (lembro vividamente da entrevista que ele deu ao Jô Soares - outra lenda - ainda no SBT, no icônico "Jô Soares Onze e Meia"), pois foi ele que sugeriu que nas cestas básicas brasileiras viesse o macarrão, depois de ter visto uma família se alimentar de papelão... Como não dizer que a arte influi fortemente na política, e vice-versa? E isso ainda no período do governo militar de 1964, período que vivi (1981/1988), finalizando este lapso democrático com umas pessoas na rua pintando minha cara de verde e amarelo.

Ziraldo, Turma do Pererê, Menino Maluquinho, Flicts, O Menino da Terra, O Bichinho da Maçã, Chapeuzinho Amarelo... e estes são os que eu lembro nitidamente na memória. E mesmo depois de quatro décadas, ele tira lágrimas dos meus olhos... E não só ele, mas a lembrança dele, e agora a falta dele no mundo.

Obviamente que o Ariano é fortemente influenciado pela estética do Ziraldo, pela forma de escrita, pelas composições, e por quem eu me tornei lendo e lembrando da obra dele, afinal, eu tenho escrito ainda no "papelim" que a cor do Ariano Sem Assunto seria, com certeza, Flicts.

E é através do Ariano que eu fui levado para morar para sempre ao lado de Ziraldo, quando esse outro cara que

virou irmão de arte, Camilo Lucas, me presenteia com a publicação dos quadrinhos do Ariano Sem Assunto (2012/2022) na Jararaca Alegre Nº 17, ressuscitando, ou melhor, puxando o Ariano de dentro da caverna, em 2023. Sim, eu estou do LADO do Mestre, com muito carinho. E fui levado pela Jararaca para Caratinga / MG, podendo respirar o ar que criou a inspiração pra Ziraldo ser quem foi, e ter o tamanho que teve, no Brasil e no Mundo. "Grande e pequeno sou eu, camarada!" e o mundo gira, e em suas voltas, perde sua cor, seu traço, suas palavras e seu sorriso, e que sorriso lindo o do Ziraldo, né? Mestre, leva minha lágrima de alegria, e deixa pra trás a minha de saudade, que é mais salgada e pesada. Vai ensinar a Deus como fazer uma cor nova, e inspira o novo nascer do Sol pra nos iluminar. Ziraldo, do fim (Zir) pro começo (Aldo - e aceitem). Estaremos sempre juntos, eu como fã, admirador e perpetuador de seu legado em Minas e no Mundo, Oh, maior dos mineiros das montanhas, desenhador de horizontes Obrigado mestre por me fazer sorrir e chorar, mais sorrir do que chorar, mas... Sorrir!

Coragem, sabedoria e luz neste caminho novo, camarada. No seu lugar, fica um buraco, e o Ariano enxergou esse buraco invisível, no final da tirinha de hoje! Obrigado!





Ziraldo: Das palmeiras ao infinito, um tributo ao eterno Menino Maluquinho

Na terra das palmeiras, berço de sonhos e de maluquices, nasceu um menino cuja imaginação voava mais alto que o estouro de uma panela, inclusive, panela que virava chapéu. Ziraldo, poeta de palavras e mestre de cores, despertou em cada um de nós a alegria de ser criança, a essência pura do ser.

Ao som de uma melodia suave, suas histórias ganham vida, como notas musicais dançando ao ritmo do coração. O Menino Maluquinho, com seu boné virado e seu sorriso travesso, era o líder de uma sinfonia de travessuras, onde o riso ecoava em cada página, em cada traço de tinta.

Menino maluquinho, a festa é sua, com um gorro de dormir na cabeça e uma gravata azul. Assim cantavam os corações que se rendiam à magia desse personagem encantado, símbolo de uma infância repleta de aventuras e descobertas. Símbolo implantado em uma cidade inteira.

A memória carrega a lembrança ritmada das músicas que encantam a garotada e de fato, Ziraldo soube encantar com sua arte, como nas canções da Turma do Pererê:

Não nego a minha parte, entrego a vida à arte de ser feliz, de ser feliz na terra ou em Marte em qualquer planeta, qualquer país, qualquer país.

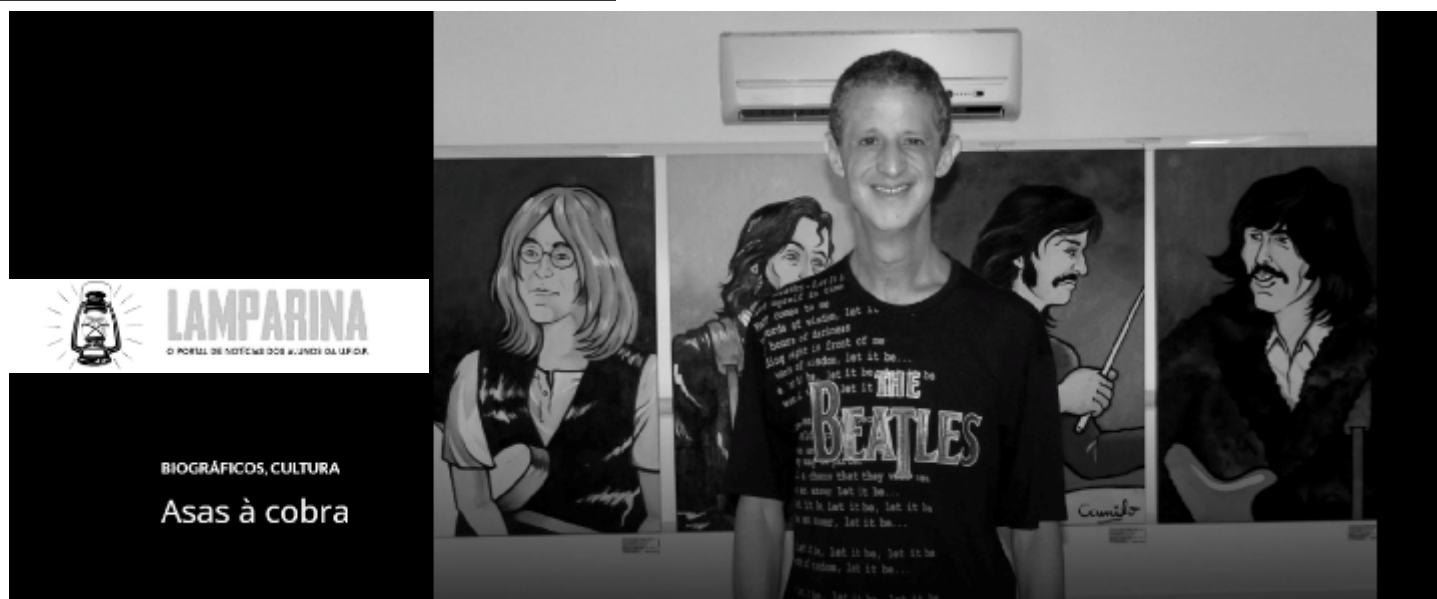
Ziraldo não era apenas um contador de histórias, era um artista que pintava com as cores d'alma que transformava as palavras em poesia e os traços em sonhos. Nunca negara a arte até a hora de partir, feito passarinho em repouso a certeza que deixa é perpétua, certeza da multiplicidade, de ser e fazer parte de toda uma cultura e gerações.

E agora, enquanto o sol se põe sobre o horizonte, despedimo-nos desse grande mestre, cujo legado permanecerá vivo em cada sorriso, em cada página virada, em cada coração que continua a sonhar. De A a Z, se pode encontrar resquícios de Ziraldo. Nas histórias e lembranças a embalar um legado da arte, guiando-nos por caminhos da esperança e da alegria.

Até sempre, Menino Maluquinho.

Até sempre, Ziraldo.





Filho, inclusive, ilustre, pai, esposo, amigo, cartunista e arteiro. Criador de histórias e de Jararaca, amante da cultura e do fazer arte. Arte que emana riqueza, principalmente para as raízes de sua cidade. A criação de uma revista humorística fecundada nos ovários anfiteatrais da Escola Estadual José Augusto Ferreira (Caratinga-MG), que após a gestação, ultrapassou os muros e ganhou ares inimagináveis.

Arteiro batizado como Camilo Antônio Lucas e apelidado de Camilinho começa a sua trajetória ainda pequeno, não necessariamente de altura, mas de idade, afirma. Começou aos 12 anos com a criação de um jornal escolar, em conjunto com alguns amigos. O gosto pela arte sempre esteve presente, mas o que faltava era uma faísca para dar início à explosão de seus trabalhos e pensamentos. Criado na cidade de Caratinga, Camilinho teve contato com referências indispensáveis quando se trata de cultura, identidade e sim, o ser arteiro; tendo Ziraldo como um referencial e conterrâneo. Um trabalho escolar que se tornou um trabalho para a vida e o seu verdadeiro “ganha-pão”. A escola, mais uma vez, demonstra-se receptiva a ideias e trabalhos, mesmo que em estado embrionário.

Criador de Jararaca, mas não dessas que erroneamente as pessoas matam com o pau. A serpente citada é alegre, bem humorada e carrega em seu sorriso malandro um ar de traquinagem, além de memórias que se avivam no olhar de quem a descreve. Com um início peculiar ao ser juvenil e correndo das fiscalizações que suprimiram o uso de “palavrões” que hoje são comuns, poa... Logo Jararaca Alegre ganha corpo, identidade e com isso asas, saindo do solo escolar e começando uma nova trajetória: a partir de então temos um jornal escolar que se torna uma revista.

Camilo, com seus tênis do Superman, conta como é ser forte ao viver de arte e cita: “A maioria das pessoas acham que trabalho é quem bate ponto de oito às seis e volta para casa, tomar banho, jantar e ver o Jornal Nacional”. Os maus bocados passados que lhe mostraram quem realmente estava ao seu lado, como é trabalhar sem bater ponto e viver de arte e cultura, unindo o passado ao presente. E o mais importante, vivendo à sua moda e estado de pensador, apanhando o fruto de seu TRABALHO. Ao falar de conquistas nos deparamos com o outro lado dessa mesma viagem, ou seja, aquilo que lhe amedronta, em claro e bom som Camilo responde: “Que o céu caia em minha cabeça”. De fato os medos fortes nós tornam fortes, mas esse medo de o céu cair em sua

cabeça nos dá a percepção de que precisamos ultrapassar a linha azul demarcada por nuvens, indo além da camada de ozônio, precisamos executar os projetos que idealizamos, antes que eles nos executem com o pensamento de impotência e o desacreditar em si mesmo.

A vida tornou-se rara e raramente acharemos pessoas que a olhem da mesma forma. A década de hoje ou até mesmo o milênio já não é a mesma de antigamente e por esse motivo encontram-se vários formatos de trabalhos que antes eram apenas um. Exemplo disso, a chegada da internet, a implantação da tecnologia e o nascimento dos “bebês digitais”. A fácil interação com o mundo HD das telas de led e dos enormes outdoors, acabam ofuscando um pouco os trabalhos impressos. Agora esses locais estão a um toque de tela ou a um “Ok, Google, Revista Jararaca Alegre”. Camilo diz não se intimidar com a chegada da internet e a troca do impresso para virtual, seus trabalhos nasceram no primórdio do mimeógrafo e apesar da versatilidade da internet, não pretende levar sua revista e sua história de mais de 40 anos unicamente para universo digital, ressaltando que a sua revista será um acervo do impresso e do cartum e um repouso para a identidade de suas histórias.

No Big Bang dessa história as partículas iniciais desta criação são nomeadas como criatividade, dedicação, reprovação, arte e cultura. A experiência fantástica de manter vivo o ser criança e permanecer com ela mesmo em estado adulto, nas atividades de um Arteiro por completo. Arte e cultura, um elo indissociável para a persona, aqui destacada profissional, ilustríssimo seguidor de Maluquinho e que com maestria tornou suas maluquices visíveis a todos, superando as leis da física, biologia, e da aerodinâmica? Quem sabe... Mas uma coisa é certa: a Jararaca voou bem alto.

Me chamo Phablo Vieira (Fiquem a vontade para usar o fonema F) estou vivo a duas décadas e atualmente sobrevivo a um colapso viral. Apesar de ter nascido em Caratinga, pertencendo ao município de Entre Folhas, ambas em MG. Sou estudante de jornalismo e nas horas vagas busco aprender sobre esse mundo que escolhi fazer parte.

E-mail para contato: phablo.vieira@aluno.ufop.edu.br ou phablo.vieira.jor@gmail.com.

...tudo é tão quase

DE LAZ MUNIZ

E FUZANDO UM
LATÃO DE
BUGIGANGAS
ACHARAM UM
CAGADINHO DE PUTA

SULCANDO XORUME
E MASTIGANDO
CASCAS DE
TOMATE PODRE



FINDOU-SE A
ENERGIA NOS
BARRACÕES DE
MILHARES DE
CAGADINHOS
DE MUNDO-CÃO:

A CURIOSIDADE
MATOU O GATO

AVE MARIA
PASSARO JOSE



VENHA CÁ
ASSENTA AQUI
QUERO LHE MOSTRAR
O MEU HARAQUIRI



POR MAIS QUE SE CRESÇA
SEMPRE SE AMANHEÇA



SE SOU ISSO
ME ENGUIÇO

SE SOU AQUILO
ME ESQUILO



SE SOU ÓCIO
ME NEGÓCIO



SE ERA APENAS
INCOMPLETO OU
SUBTRATIVO
PODERIA SER
FALSO OU
SOMENTE ATRATIVO



MAS SE ALGUÉM
O FEZ ASSIM,
QUEBRADO,
DUREX É UMA
BELA DESCULPA
PELO ESTRAGO

FAMINTOS COMEM
PÃO COM PRESUNTO
EM CEMITÉRIOS



UM DIA É
DO COBRE
O OUTRO É
DO COBRADOR



POR VENTURA
MINHA AVENTURA
ME CUSTOU UMA ATADURA



TENTO, LOGO
DESISTO
(RENEE,
DESCARTA!)

O BOM SAMARITANO
NÃO TEM APARÊNCIA DE
PAPAI-NOEL
MAS DE MARCIANO



ENQUANTO EU DORMIA
UM SACI
ME DEU UM NÓ
NO ESTÔMAGO



"A PALAVRA É DE PRATA,
O SILÊNCIO É DE OURO"

ENTÃO, SE ME CALO
SEREI UM VASTO TESOURO?

MORTE, VÁ LÁ
EM CIMA E PERGUNTA
PARA DEUS SE VOCE
PODE ATRASAR
MEU SOFRIMENTO

MEU CARRO
ATOLOU NO BARRO
MAS ERA UM CARRO
DE BOI

DEUS, O PRESIDENTE
DO MUNDO É DE
TAMANHA IMPORTÂNCIA
QUE NINGUEM POSSUI
AUTORIZAÇÃO PARA
VÊ-LO

-ME VOY!
ME VOY!

CONFORME MINHA PARCA CIÊNCIA
SOBRE A SUBJEÇÃO DA EXISTÊNCIA
SEMPRE ME QUESTIONOU A LATRINA:
NADA COMEÇA SE NÃO TERMINA

ENFIM,
S.O.S.



**Ao nosso conterrâneo
Ziraldo, todas as honras que
ele merece!
Muito obrigado por tudo!**

**Chicão Rocha e equipe
Planalto Contabilidade**



PLANALTO
CONTABILIDADE

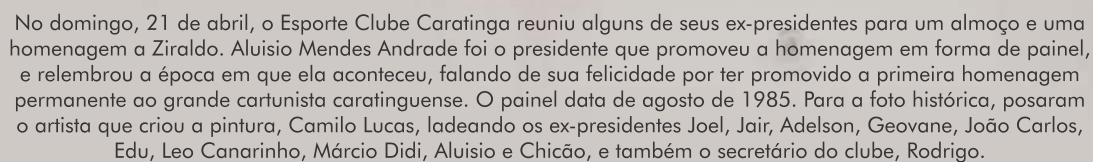
Nos juntamos a nossos numa última homenagem a Ziraldo. Mais que ninguém, ele sabia que Caratinga não é uma cidade, é uma família! Somos todos conterrâneos do Menino Maluquinho!

Obrigado, mestre, por tudo!



Marmoraria do Juslei





Desde 1985, nosso Palácio de Cristal ostenta este painel, registrando o jubileu de prata da «Turma do Pererê», criado pelo artista Camilo Lucas e endossado por Ziraldo, quando de sua inauguração. Ziraldo mora para sempre no coração do nosso querido Clube!

Muito obrigado, mestre, por tudo!

Esporte Clube Caratinga
Edgar Martins - Presidente



O QUE FICA É O ABRAÇO.



*Muito obrigado, Maluquinho!
Viva o nosso eterno*

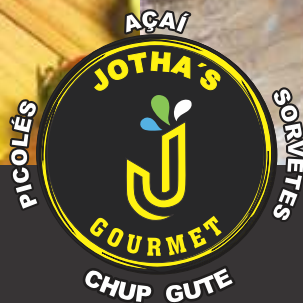
Zimardo

Di Santana

Av. Olegário Mariel, 408 - (33) 3321-1700
Estacionamento grátis para clientes ao lado da loja.

 [disanatanastore](#)

Valeu Maluquinho!



CHUP-CHUP GOURMET. VOCÊ NUNCA VIU IGUAL!
ENCOMENDE PELO WHATSAPP:

SEJA DISTRIBUIDOR!  (033) 99839-5692



**Toda a nossa homenagem
a este artista que só nos deu
alegria e orgulho.
Muito obrigado, Ziraldo!**

Rafamoto

www.rafamoto.com.br

rafamoto.com.br  [rafamotocaratinga](http://rafamotocaratinga.com.br)


RCN
CONSÓRCIO
NACIONAL

rafaconsorcio.com.br  [rafaconsorcionacional](http://rafaconsorcionacional.com.br)



Camilo



JULIANA SENRA

NO café Nice com Ziraldo



Ziraldo é o último sentado à direita. Foto do blog Futebol de Caratinga

Vou contar uma historinha que não costumo contar. Mas é real.

Nascida e criada em Caratinga, é infinito o que eu tenho a dizer sobre a influência do Ziraldo na minha formação, e principalmente, na minha profissão. Mas antes de mim, veio o meu pai. E antes do meu pai, o meu bisavô.

O bisavô, «Padrim» Camilo, como ele gostava de ser chamado, tinha na época da adolescência do Ziraldo, um café chamado Café Nice. Esse mesmo, copiado do Rio de Janeiro e de BH e colado no fundo do interior de Minas.

Café Nice era o point da cidade, onde as moças e os rapazes iam elegantemente fazer o 'footing'. Se você acha que reagir com foguinho vai te levar a algum lugar, meu amigo, você tem muito o que aprender com esses senhores. Ziraldo e Padrim Camilo, dois camaradas boa praça, passaram da relação dono do bar e cliente, para por fim virarem amigos. Se eu bem conheço as histórias do meu bisavô, eu não quero imaginar os conselhos que rolavam no café para o jovem maluquinho.

Ziraldo, como todo sonhador, foi para o Rio com as suas pastinhas debaixo do braço. Trocou o café copiado pelo original. O bisavô aos poucos foi se tornando uma espécie de arquivo vivo das suas obras. Agora parando para pensar, será que ele fez algum freelazinho pro Café Nice? Assim, na amizade, como todo iniciante?

Corta para os anos 60. Camilo, o neto, influenciado por Camilo, o padrim, começou na Turma do Pererê, passou pelo O Pasquim, foi para a Revista BUNDAS, e se profissionalizou desenhista. É por isso que, na cidade, no dia do lançamento dos livros 'Menino Maluquinho' e da 'Bela Borboleta', do também maior de todos, Zélio, as pessoas viam um cartaz na parede desenhado por ele. Fato que eu fico orgulhosamente admirada.

O LinkedIn tem seus limites de caracteres, então corta para 2009. Caratinga foi onde mais li do que estudei, mas para estudar eu tive que sair. Já em BH conheci o meu amigo Tiago Fernandes, que me falou: tem um concurso estudantil do CCRJ rolando, pra concorrer a um estágio no Rio. Eles te dão um briefing e você envia a sua proposta de anúncio. Se inscreve lá.

Não deu outra. A primeira pessoa non-carioca a passar

no Clube do Futuro do CCRJ. Dando muito trabalho para Renata Raggi para reescrever as regras da casa.

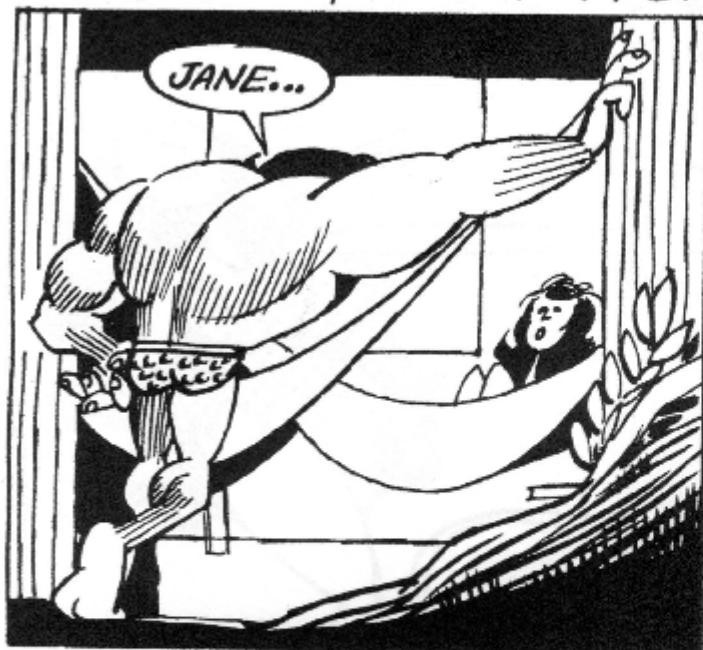
Meses depois eu estava descendo do ônibus 433 sentido Tijuca/Botafogo, para trabalhar em uma agência onde outro Caratinguense - adivinhem (Ziraldo) quem - havia trabalhado muitos anos antes. Uma oportunidade para seguir a biografia de coincidências. Com todo o deslumbramento interiorano.

Vocês sabem que mineiro, quando sai de Minas e encontra outro mineiro, dá liga, né? Meio que me convidei para tomar um café com Ziraldo, bati na porta (com as minhas pastinhas, óbvio) e virei uma frequentadora assídua do seu templo de cores e onomatopéias. Eu não era a única. Mais paternalista não havia. Aquele era o único ponto da cidade onde não se ouvia um chiado. E vocês, sim, querem imaginar os conselhos que saíram daquele café. Bença, mestre!



Juliana com Ziraldo no estúdio do mestre. Para minha felicidade, ao transferir sua faculdade de publicidade para o Rio por ter sido contratada pela W/McCann, minha filha tornou-se frequentadora daquele espaço, que corresponde a outra faculdade, sendo acolhida com carinho por Ziraldo. (Camilo)





BIRA DANTAS

Encerramos esta J. A. com Bira Dantas, cartunista paulistano residente em Vitória (ES), mais novo colaborador da nossa revista.



*Brindamos à vida e ao legado do eterno
Menino Ziralzinho Maluquinho!*





E quando a lua cobriu o sol e o
menino viu que ela havia
mudado de cor,
foi quando ele entendeu:

não era eclipse,

na verdade,
a lua estava era de luto.

Obrigada por tudo, mestre

*“E foi aí que todo mundo descobriu
que ele não tinha sido um menino maluquinho.
Ele tinha sido um menino feliz”*



DPL

Muito obrigado, Ziraldo, por tudo!

A Riodoce esteve presente em vários momentos
alegres na história Ziraldo-Caratinga.
Levamos caratinguenses ao Rio, trouxemos amigos dele
a Caratinga, contribuimos com alegre cortesia para
que ele tivesse oportunidades de sentir o calor humano
dos seus conterrâneos.
Nas poltronas dos ônibus da Riodoce, tem um pouquinho
da presença de Ziraldo.
Muito obrigado, conterrâneo, por tudo!



PATROCINADORES

REALIZAÇÃO



CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.